

**A IGREJA  
PRECISA  
de  
NORMAS  
*Escritas?***

JOHN COBLENTZ

A fountain pen with a blue feather and a silver-colored nib lies next to a dark glass inkwell with a silver-colored cap. The items are positioned in the bottom right corner of the cover, resting on a light-colored, textured surface.

# A IGREJA PRECISA *de* NORMAS *Escritas?*

John Coblenz

Primeira edição



[www.editoramontesiao.com.br](http://www.editoramontesiao.com.br)

São Paulo – SP

LMS

2025

## **A IGREJA PRECISA DE NORMAS ESCRITAS?**

*John Coblenz*

Título original em inglês: *Are Written Standards for the Church?* © 1991 Christian Light Publications, Inc. Harrisonburg, Virginia 22802 (EUA). Edição em espanhol © 2016 Christian Light Publications, Inc. Harrisonburg, Virginia 22802 (EUA).

A não ser que se indique o contrário, todas as citações bíblicas foram tiradas da versão Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original de João Ferreira de Almeida © 2011. Usada com permissão da Sociedade Bíblica Trinitariana.

Publicado no Brasil com autorização expressa e exclusiva da Christian Light Publications, Inc., pela

**Literatura Monte Sião**

**Caixa Postal 241**

**18550-970 Boituva – SP**

**Tel.: (15) 3264-1402**

**e-mail: [LMSvendas01@gmail.com](mailto:LMSvendas01@gmail.com)**

**[www.editoramontesiao.com.br](http://www.editoramontesiao.com.br)**

Traduzido para o espanhol por Duane Nisly

Revisão: Keiner E. Barrantes

Traduzido do espanhol por Francisco Nunes

Revisão: DeD Traduções

Capa: Jotham Yoder

Imagem da capa e do interior: iStockphoto.com

ISBN: 978-65-87208-45-9

Copyright © 2025 Literatura Monte Sião

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS**

Proibida a reprodução do conteúdo por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

## **Existe apoio bíblico para o uso de normas escritas na igreja de hoje?**

Essa questão não é nova. Contudo, nos últimos anos, surgiram grupos que aboliram a prática de utilizar normas escritas. Esse fato nos leva, uma vez mais, a avaliar o assunto com atenção. A posição desses grupos está correta? É verdade que as normas escritas impedem ou restringem a vida espiritual? É verdade que são um acréscimo à Palavra de Deus? É verdade, como dizem alguns, que elas nada mais são do que esforços carnavais do homem para realizar a obra espiritual de Deus?

Também podemos nos fazer a seguinte pergunta: há algo nos grupos mais tradicionais que tenha contribuído para a formação desses novos grupos? Ou seja, se os novos grupos estão cometendo um erro, serão eles os únicos responsáveis por sua forma errada de pensar e agir? Existe algo nos grupos tradicionais que está causando essa reação negativa?

Em última análise, o que acreditamos a respeito de normas escritas depende do que acreditamos sobre a vida espiritual do cristão e a forma como a igreja age. Digo isso para esclarecer que, neste estudo, é necessário levar em consideração questões ainda mais fundamentais do que as normas escritas propriamente ditas.

Antes de esclarecer a minha posição sobre este tema e apresentar os objetivos a que me proponho na presente obra, gostaria de destacar algo importante. Muitos erros sobre doutrina ou prática baseiam-se em certas verdades. No entanto, é necessário distinguir entre as verdades que são princípios individuais, e A Verdade, que é o corpo inteiro, no qual cada verdade individual tem suas raízes. Quando acreditamos ter entendido algo novo sobre determinado princípio ou verdade, existe o perigo de nos concentrarmos tanto na descoberta feita que acabamos nos separando do corpo da verdade. Esse perigo é maior quando a descoberta feita está relacionada a um tema controverso. Sem dúvida, certa verdade separada do corpo da verdade facilmente se torna um erro.

Como escreveu A. W. Tozer:

A Verdade é uma, mas existem muitas verdades. As verdades da Bíblia estão conectadas umas às outras e dependem umas das outras. (...) Uma afirmação pode ser verdadeira ao se referir a certas verdades e não ter a mesma veracidade quando analisada fora de contexto.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A. W. Tozer, *That Incredible Christian*. Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1964, p. 36.

No que diz respeito às normas escritas para a igreja, a Bíblia indica que existe o perigo de serem criados regulamentos excessivos. *“Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias”* (Atos 15:28). As normas escritas podem se tornar excessivas e se transformarem em um fardo desnecessário, por isso, alguns argumentam que devemos nos livrar de todas as normas escritas. Não há como negar que o perigo existe. Ao mesmo tempo, a existência desse perigo é uma verdade que não deve ser separada da Verdade para não se tornar um erro.

Por outro lado, a Bíblia ensina-nos que a igreja primitiva chegou a acordos em conjunto sobre assuntos de ordem prática. Os primeiros cristãos também aplicaram os princípios bíblicos ao fazê-lo. Portanto, parece bíblico e correto agir dessa forma.

Embora exista o perigo da regulamentação excessiva, como já vimos, não é sensato ignorar outros perigos reais. Por exemplo: o perigo de desconsiderar as pressões da cultura, o perigo de que os fortes façam os fracos tropeçar e o perigo de suprimir a sabedoria coletiva por obrigar cada pessoa a tomar decisões por si só.



Sem dúvida, os apóstolos viram esses perigos quando tomaram decisões como as presentes em Atos 15. É claro que chegar a acordos em conjunto é válido, mas vale a pena lembrar que se trata de uma verdade ou um princípio individual dentro do amplo corpo daquilo que é a Verdade.

Não podemos nos concentrar apenas na validade das normas escritas. Agir dessa forma poderia nos levar ao caminho errado tanto quanto se nos concentrarmos apenas nos perigos da regulamentação excessiva. Quantas vezes na história da igreja um grupo reagiu a um extremo até acabar caindo no extremo oposto? Infelizmente, um modo desequilibrado de tratar o assunto, muitas vezes, nos leva a perder o foco principal: seguir a Cristo.

Ao expressar minha posição sobre a questão das normas escritas, gostaria de fazer alguns esclarecimentos. Não quero que meus argumentos sirvam, mais tarde, de munição para que outros sejam atacados. Meu objetivo é tratar, de maneira bíblica, sobre a questão das normas escritas. Embora seja necessário criticar ambos os lados da controvérsia, o desejo do meu coração é que a noiva de Cristo seja fortalecida para cumprir seu propósito aqui na terra, e não que concentre sua atenção nos erros dos outros.

Ao tentar examinar os erros de cada ponto de vista, existe a possibilidade de que alguns me entendam mal. Peço-lhe que, ao ler esta pequena obra, considere-a em sua totalidade, bem como tudo o que proponho, sem usar apenas a parte que sustenta sua própria posição. Isso distorceria o que estou propondo fazer.

Quando tomamos uma posição em reação ao erro dos outros, e não por pura devoção a Jesus Cristo, nossos esforços provavelmente farão mais mal do que bem ao reino de Deus. Por favor, considere ser esse um perigo real, quer estejamos reagindo contra uma verdade ou contra um erro, quer estejamos certos ou errados.

Nenhum sistema de administração eclesiástico por si só nos garante uma igreja espiritual. Portanto, ter ou não ter um conjunto de normas não indica que determinada igreja é de Cristo ou não. Ao mesmo tempo, o sistema de administração da igreja é importante. Bons resultados não podem ser alcançados com um sistema qualquer.

Acredito que as normas da igreja cristã, escritas ou não, são parte integrante de uma administração bíblica, mas não acredito que as normas escritas possam garantir que a igreja caminhe segundo a Bíblia e sob a direção de Cristo.



Também não posso descartar a espiritualidade de congregações que não têm normas escritas (e muito menos apenas por esse fato), embora me pareça que tais congregações não veem o perigo que correm.

As práticas que estabelecemos sempre terão o seu lugar enquanto servirem para engrandecer o Senhor Jesus, o qual é, em si mesmo, a Vida e o Sustento da verdadeira igreja. Quero esclarecer melhor esse assunto mais adiante.

## **A igreja primitiva**

Vamos tentar resumir a posição bíblica. A igreja primitiva, sob a direção do Espírito Santo, tomou decisões sobre alguns assuntos e as registrou. Ao mesmo tempo, aqueles cristãos viram o perigo de regulamentar demasiadamente os assuntos da vida cotidiana. Além disso, eles também reconheceram o poder do Espírito Santo para dirigir cada cristão em determinados aspectos práticos da fé.

Já fiz referência ao texto presente no final do concílio em Jerusalém. Permita-me citar o que a Bíblia diz:

Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias:

que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada e da prostituição, das quais coisas bem fazeis se vos guardardes. Bem vos vá (Atos 15:28–29).

Há diversos pontos que podemos notar nessa passagem ou em relação a ela. Em primeiro lugar, lembremo-nos de que a questão que levou aqueles cristãos a tomarem essa decisão foi o questionamento a respeito da circuncisão dos gentios: os gentios precisavam ser circuncidados? Todos os apóstolos concordaram que exigir a circuncisão dos gentios seria um acréscimo ao evangelho de Jesus Cristo. Somos justificados pela fé em Jesus Cristo, e não pelas obras da lei.

Em segundo lugar, notamos que os apóstolos não presumiram que os discípulos gentios compreenderiam automaticamente a nova vida de fé. Para os apóstolos, a fé deveria ter seu lugar no coração dos gentios e também guiá-los nas questões práticas da vida. Por essa razão, não consideraram um menosprezo à fé listar algumas normas práticas que poderiam servir como amparo em ambientes pagãos. Por sua vez, os cristãos gentios não consideraram essas normas como uma imposição nem as viram como um esforço humano

para substituir a obra do Espírito Santo. Em vez disso, quando os irmãos vindos de Jerusalém leram a carta em Antioquia, os irmãos ali se regozijaram com o conforto que ela lhes transmitiu (v. 31).

O terceiro ponto que notamos nessa passagem é que a lista contém mais do que certos princípios gerais: ela contém algumas aplicações específicas e práticas. Os líderes da igreja, guiados pelos princípios da verdade eterna, concordaram sobre como aplicar certos princípios à vida cotidiana. Aqueles que promovem a ideia de não ter normas insistem no fato de a Bíblia, por si só, ser suficiente para nos orientar na vida diária. Eles asseguram que qualquer outra tentativa de orientação é um esforço carnal que procura fazer a obra que somente o Espírito de Deus pode fazer.

Deveríamos supor que os escritores do Novo Testamento já fizeram todas as aplicações necessárias para cada cultura e cada época? Em outras palavras, deveríamos supor que não é mais necessário fazer aplicações? Será que os líderes de Jerusalém tinham autoridade para tomar decisões coletivas naquela época e os líderes de hoje não têm a mesma autoridade?

Notemos que os cristãos gentios daquela época estavam lidando com a questão da carne

oferecida aos ídolos, mas é provável que sua igreja, leitor, não lide com esse assunto hoje em dia. Contudo, atualmente temos de lidar com práticas desagradáveis e pecaminosas que os antigos cristãos não enfrentavam. Nesses casos, a igreja espiritual irá proibir tais práticas.

O quarto ponto que podemos observar nesse evento é que a resposta escrita não foi usada apenas na igreja em Antioquia. Embora o conflito tenha surgido naquela cidade, a resposta escrita foi considerada uma norma para as outras igrejas também. O apóstolo Paulo, em ocasiões posteriores, usou tal norma em seu trabalho missionário:

E, quando iam passando pelas cidades, lhes entregavam, para serem observados, os decretos que haviam sido estabelecidos pelos apóstolos e anciãos em Jerusalém (16:4).

Ademais, sabemos que o resultado não foi formalismo e legalismo nas igrejas. Pelo contrário, está registrado que *“as igrejas eram confirmadas na fé, e cada dia cresciam em número”* (v. 5). Mesmo anos mais tarde, após a segunda e a terceira viagens missionárias de Paulo, quando ele regressou a Jerusalém, os anciãos daquela igreja fizeram referência a essa norma como algo ainda vigente:

Todavia, quanto aos que creem dos gentios, já nós havemos escrito, e achado por bem, que nada disto [circuncisão, etc.] observem; mas que só se guardem do que se sacrifica aos ídolos, e do sangue, e do sufocado e da fornicação (21:25).

A forma como se referem ao que foi escrito no evento do capítulo 15 dá-nos a entender que aqueles líderes consideravam válidas e vigentes as decisões que haviam sido tomadas e, portanto, achavam que deveriam ser seguidas.

O quinto ponto que podemos observar é que a decisão de Atos 15 se deu pelo corpo de Cristo. A carta escrita em Jerusalém não era uma declaração de Pedro, tampouco foi uma decisão de Tiago ou de qualquer outro indivíduo. O assunto foi levantado dentro da congregação. Os apóstolos Paulo e Barnabé, bem como outros irmãos (v. 2), foram enviados pela igreja de Antioquia aos presbíteros da igreja em Jerusalém. *“Alguns, porém, da seita dos fariseus, que tinham crido”* (v. 5), também contribuíram com a discussão. Os apóstolos e os anciãos reuniram-se para debater o assunto, e houve *“grande contenda”* (v. 7). As palavras de Pedro aparecem registradas na Bíblia (vv. 7-11); depois, Tiago propôs a resolução

que todos, por fim, aceitaram (vv. 13–21).

Então pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos, com toda a igreja, eleger homens dentre eles e enviá-los com Paulo e Barnabé a Antioquia (v. 22).

Como observamos anteriormente, essa decisão tomada em Jerusalém foi aceita em Antioquia e também em outras congregações de forma coletiva. Tal fato está bastante claro: ninguém decidiu sozinho; a decisão foi tomada em conjunto pelo corpo de Cristo.

No entanto, embora todo o corpo tenha contribuído para essa decisão, não podemos esquecer que os líderes tomaram a iniciativa e dirigiram o processo. A decisão não foi tomada por maioria de votos, ainda que os presbíteros tenham tido a sabedoria de levar em consideração a opinião dos irmãos. A decisão baseou-se, em última análise, nas Escrituras, e o povo respeitou a decisão dos presbíteros. O comportamento dos apóstolos não foi democrático nem ditatorial. Houve primeiro o diálogo, depois a reflexão, o estudo das Escrituras e, por fim, uma proposta sábia que levava em conta tudo o que havia sido considerado. Esses são os sinais de liderança de acordo com o Novo Testamento.

## **A importância de sermos cristocêntricos**

Depois de constatarmos bíblicamente que é válido termos normas escritas para o bem-estar espiritual da igreja, consideremos o lugar apropriado delas. As normas escritas não podem transmitir vida espiritual. A vida e o poder da igreja vêm de uma Pessoa. O Senhor Jesus fala por intermédio de sua Palavra, fala por intermédio de líderes cheios do Espírito Santo e também fala por meio da congregação, até mesmo para estabelecer as normas. Mas sem ele, estamos mortos. Mesmo que leiamos a Bíblia e tenhamos líderes notáveis, sem ele, estaremos mortos. Sem ele não há vida, mesmo que celebremos cultos muito emocionantes e tenhamos normas bíblicas. Onde Jesus está, há vida; onde o seu Espírito está, há liberdade. Contudo, sem a pessoa de Jesus, tudo é em vão.

As normas escritas não garantem a presença de Jesus na igreja nem a preservam. Não podemos trazer a presença de Jesus à assembleia dos discípulos escrevendo uma lista de normas muito detalhada; tampouco podemos fazer com que Jesus permaneça entre nós pelo fato de guardarmos todas essas normas. Esse não é o propósito das normas escritas. Além disso, é preciso dizer que nem a Ceia do Senhor nem o batismo

servem para trazer Jesus à congregação. Não podemos garantir a presença de Jesus na assembleia por meio de cerimônias. Pensar dessa forma é um erro tremendo. Celebramos a Ceia do Senhor porque ele já está presente. A cerimônia só tem sentido graças à pessoa de Jesus e à sua presença. A cerimônia não transmite vida, graça ou comunhão divina; só Cristo pode fazê-lo. Da mesma forma, as normas não têm significado espiritual se não for pela vida e pela presença de Cristo na igreja. A congregação espiritual procura estabelecer normas escritas sob a direção do Espírito Santo, mas não para transmitir vida aos membros, nem para garantir a presença de Jesus na congregação, nem mesmo para tornar essa presença mais real ou palpável. Ela faz isso porque Jesus *já está presente*.

Sem a presença viva de Jesus na igreja, na verdade, não importa muito o que pensamos sobre as normas escritas. Podemos até estabelecer diversos regulamentos, mas o resultado será apenas um grupo de pessoas que vive de modo muito uniforme, mas sem a vida e o poder do Espírito de Deus.

Podemos, por outro lado, reduzir a lista de normas... mas, sem a presença de Jesus, o



resultado será uma passagem gradual ou rápida para o mundo; os cultos se tornarão cada vez mais levianos e triviais.

Podemos eliminar toda a regulamentação... Como parte do resultado, veremos mudanças. Algumas delas podem ser uma tentativa sincera de corrigir certas deficiências. Provavelmente veremos uma ênfase maior na obra do Espírito Santo e na liberdade. Porém, com o tempo, quando cada um fizer o que bem lhe parecer, haverá muita diversidade e serão permitidos desvios mais graves do que as deficiências que inicialmente eram condenadas.

Volto a dizer: sem a presença e o poder de Jesus Cristo na congregação, nossa posição em relação às normas escritas não tem muito valor. Peço-lhe que mantenha esse ponto em mente enquanto continuamos com o estudo. Voltemos agora aos perigos mencionados anteriormente presentes em ambos os pontos de vista relacionados a esse assunto.

## **O perigo da regulamentação excessiva**

Obviamente, os apóstolos e os presbíteros da igreja em Jerusalém procuraram evitar que os regulamentos se tornassem um fardo para

os discípulos. Eles entenderam que o excesso de regulamentos poderia levar a igreja à mentalidade legalista do judaísmo. Nesse caso, Jesus não seria mais o foco central do amor e da devoção dos cristãos e, por isso, não haveria lugar para a presença e o poder do Espírito Santo.

Mas como as normas escritas podem se tornar um fardo?

1. *Onde existe regulamentação excessiva, as normas escritas tornam-se o nosso padrão para medir a espiritualidade das pessoas. Tal postura causa confusão e nos impede de ver com clareza a verdadeira espiritualidade.* As normas são para a vida prática; a espiritualidade está relacionada ao coração, embora, em última análise, resulte em uma vida reta (ou seja, ela afeta a vida prática). Infelizmente, uma pessoa pode se conformar muito bem às normas de prática e, ao mesmo tempo, ter um coração mau. É fato que pode haver hipocrisia em qualquer congregação, quer tenham normas escritas ou não. Em qualquer congregação, pode haver um cristianismo leviano. No entanto, a regulamentação excessiva tende a fomentar esse problema. Quando as normas nos fazem focar apenas na prática, e acabamos aceitando a carnalidade da pessoa que se conformou às normas escritas,

nosso foco está nas normas, e não em Cristo.

**2.** *Onde existe regulamentação excessiva, as normas escritas tornam-se o foco principal da administração da igreja.* Na realidade, esse ponto nada mais é do que uma extensão do anterior. Quando a energia e o tempo dos líderes são desperdiçados vigiando os irmãos a fim de evitar que eles violem algum dos regulamentos, ou para lidar com casos de infração das normas, a vida cristã perde a alegria e o sentido. A Ceia do Senhor, o batismo, a visitação e a pregação deixam de ser atividades de bênção. Nessas condições, o ministério torna-se de morte, e não de vida; ele se tornou uma obra da carne, e não do Espírito. Trata-se de conformidade às normas, e não de conformidade à pessoa de Cristo. Alcançar a conformidade em ambos os casos pode exigir muitas horas de trabalho árduo e até mesmo o sacrifício do sono. Porém, no segundo caso, podemos contar com a doçura da vida e da graça do Espírito Santo. Caso contrário, a conformidade às normas será motivo de frustração, porque o Espírito não está presente.

**3.** *Onde há regulamentação excessiva, cria-se confusão entre o que são princípios bíblicos e o que são aplicações práticas.* Os princípios bíblicos nunca mudam; as aplicações, por sua vez, podem

variar. Os princípios são verdades que devem reger a nossa vida até a morte; as aplicações são expressões que podem variar de uma congregação para outra, mesmo sob a direção do Espírito. Contudo, quando as aplicações se tornarem mais importantes para nós do que os princípios, ficaremos cegos à orientação do Espírito. Por exemplo: é possível crer que vivemos conforme a verdade quando o Espírito, de fato, nos chama para fazer mudanças em nossas aplicações. Talvez tenhamos de aumentá-las, melhorá-las ou modificá-las.

Além disso, quando as aplicações tiverem prioridade sobre os princípios, observaremos contradições na congregação. Por exemplo: veremos penteados ostentosos e “roupas simples” que não são simples. Ou seja, podemos cumprir as normas sem ter um estilo de vida simples. Quando essa mentalidade desordenada se arraiga, temos como resultado membros da assembleia que acreditam que ninguém possa lhes dizer nada desde que atendam às normas práticas. Até mesmo alguns líderes da igreja caem na mesma mentalidade. Eles também acreditam que não devam corrigir demonstrações de carnalidade, uma vez que os membros estejam cumprindo as normas. Um raciocínio assim é carnal — não mostra a sabedoria do Espírito — e contrário



aos claros ensinamentos da Palavra de Deus.

4. *Onde há regulamentação excessiva, podemos confundir a uniformidade com a unidade bíblica.* A uniformidade também é um problema relacionado à prática. A unidade bíblica, por sua vez, é um assunto relacionado ao coração. Ora, a unidade que é obra do Espírito também resulta em certa uniformidade de prática. Observamos esse fato em Atos 15 e nas palavras do apóstolo Paulo aos filipenses: *“Naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra, e sintamos o mesmo”* (3:16). No entanto, uniformidade e unidade não são a mesma coisa. A regulamentação excessiva impõe uniformidade. O resultado trágico disso é que, às vezes, a comunhão da igreja tem por base a uniformidade de prática. Além disso, os membros esquecem da importância de andar no Espírito e de desfrutar de um relacionamento vivo com Jesus Cristo.

Em resumo, podemos dizer que a regulamentação excessiva traz consigo consequências graves. O perigo que os próprios apóstolos reconheceram é real. Quando as pessoas medem sua espiritualidade da forma errada, elas caem no conformismo espiritual, na mornidão e na satisfação própria. O discernimento é distorcido e a vida

da congregação se torna estéril e conflituosa.

Estes perigos são reais para aqueles que têm normas escritas; por isso, devemos nos examinar com bastante honestidade. Se encontrarmos sinais de regulamentação excessiva, não deveremos ignorá-los. Quero destacar esse ponto antes de passar para o outro lado da questão, pois é muito fácil apontar os erros dos outros para não termos de pensar em nossas necessidades. Então, repito: se você se encontra na mencionada situação de regulamentos em excesso, é extremamente importante que você encare o fato com honestidade, sinceridade e oração. Não podemos apontar o erro daqueles que estão no extremo oposto a fim de silenciar nossa consciência.

## **O perigo de não haver regulamentação**

O ponto de vista de que a congregação não precisa de normas escritas e de que podemos depender apenas da Bíblia e do Espírito Santo vem de aplicar uma verdade fora de contexto, sem levar em conta a Verdade na íntegra. Esse raciocínio é, de certo modo, atraente. O filho de Deus é atraído por ideias como “total dependência da Palavra” ou “poder e liberdade no Espírito”. Além disso, o filho de Deus sente repulsa pela

possibilidade de “acrescentar alguma coisa à Palavra de Deus” ou de “viver num formalismo morto”. Contudo, não se deve presumir que a congregação que tem normas escritas não deposita sua confiança na Palavra de Deus e no Espírito Santo. Também não devemos presumir que ela viva uma espiritualidade restrita. Qualquer pessoa que creia dessa maneira está enganada e raciocina de uma forma não bíblica. Como destacamos no exemplo de Atos 15, os acordos que foram escritos e divulgados trouxeram alegria aos discípulos e resultaram no crescimento da igreja.

Qual teria sido o resultado se os apóstolos e presbíteros tivessem dito aos cristãos gentios que eles deveriam tão somente orar, estudar as Escrituras e confiar que o Espírito daria orientação a cada indivíduo sobre qualquer assunto com o qual se deparassem? No lugar de tal atitude, os líderes da igreja reconheceram o perigo de não tomarem uma posição conjunta sobre as questões práticas e agiram tomando a decisão já descrita.

Ao considerar o outro lado da questão, não vou tentar detalhar os erros de uma posição contrária às normas escritas. Em vez disso, quero concentrar-me nos aspectos mais fundamentais.

**1. Não havendo regulamentação, o indivíduo**

*é o responsável por determinar as aplicações práticas, o que contraria a natureza do corpo de irmãos. A igreja não é composta de um só membro, mas de muitos. Ao mesmo tempo em que vivemos como indivíduos e discernimos a vontade de Deus para nós, também discernimos a vontade de Deus para o corpo, e isto mediante a obra milagrosa do Espírito Santo. As decisões tomadas pela irmandade, assim como as decisões tomadas pelo indivíduo, não devem, de forma alguma, ser acréscimos à Palavra de Deus. Pelo contrário, devem ser decisões baseadas nela, decisões que nada mais são do que expressões de plena fé e de confiança na Palavra. Quando a congregação é impedida de tomar posições e decisões em conjunto, uma bela parte da obra do Espírito Santo fica restringida. Quando dizemos que as decisões do corpo não devem ser registradas por escrito, a fim de evitar o perigo do legalismo, estamos negligenciando o exemplo bíblico e alguns aspectos práticos.*

*2. Onde não há regulamentação, cria-se confusão sobre o significado de expressões como “liberdade em Cristo” e “andar no Espírito”. Algumas pessoas abandonam igrejas onde há regulamentação excessiva, juntam-se a um grupo que rejeita qualquer tipo de norma escrita e afirmam*



que ali encontraram “liberdade em Cristo” e que agora estão “andando no Espírito”. Para definir essas frases, o ponto de partida delas é o ambiente onde se encontravam. Essa forma de raciocínio restringe o Espírito, pois não permite que ele atue por meio do grupo. A pessoa, ou mesmo o grupo, pode ter zelo em eliminar o legalismo, mas acaba rejeitando a orientação que o Espírito Santo poderia lhe dar, de modo especial, nos casos em que a direção do Espírito Santo só vem por intermédio do discernimento coletivo.

*3. Onde não há regulamentação, o discípulo fica mais propenso a seguir suas próprias impressões e revelações pessoais, o que pode levá-lo ao engano. Essas impressões e revelações podem ser delírios da pessoa ou até mesmo vozes de espíritos enganadores.* Os cristãos em qualquer lugar podem receber inspiração sábia, e nem toda ideia nova é uma ilusão ou um espírito enganador. Contudo, a congregação que recusa certa regulamentação expõe seus membros ao perigo. Esse perigo é resultado da rejeição de regulamentos, a qual restringe ou até mesmo silencia a voz da congregação. Diante dessa situação, o indivíduo pode tentar resolver questões que exigem um discernimento maior do que o seu. O silêncio do corpo coletivo torna-o

vulnerável a ter uma opinião exagerada sobre suas próprias ideias e o expõe a outras “vozes” que lhe falam sobre os assuntos com os quais está lidando.

Há pessoas que afirmam que Deus lhes disse isso ou aquilo, mas revelam sérias contradições em sua vida. Por isso, é muito importante priorizar o direcionamento que vem da Palavra de Deus e da irmandade.

Sem dúvida, cabe esclarecer que a regulamentação excessiva e farisaica também é perigosa. Ela pode causar confusão quando se trata de discernir qual é a vontade de Deus. O que alguém acredita ser a voz de Deus pode muito bem ser um mandamento de homens.

Em resumo, podemos concluir que o Espírito Santo de Deus fala tanto aos membros individualmente quanto à irmandade como um corpo. Quando silenciemos qualquer um deles, criamos confusão e, onde há confusão, torna-se difícil discernir a mente de Cristo.

Portanto, uma posição bíblica e segura é aquela que reconhece a voz de Deus por intermédio da igreja, sem negar a liberdade que o Espírito Santo tem de falar ao indivíduo.

*4. Onde não há regulamentação, há o perigo de as restrições do Espírito Santo serem*

*consideradas como legalismo.* O Espírito Santo busca santidade e retidão. Portanto, ele também restringe. Mediante o poder do Espírito Santo a graça flui para o cristão espiritual e para a congregação espiritual, e o resultado é uma vida que, no sentido correto, não está sob a lei. Contudo, mesmo a pessoa espiritual que não está sob a lei experimenta as restrições do Espírito Santo. Na realidade, a bendita obra do Espírito Santo, às vezes, traz mais do que restrições – traz morte. É verdade que, por meio do Espírito Santo, temos amor, alegria e paz. Por outro lado, o mesmo Espírito produz o quebrantamento do espírito e a morte da carne.

Na congregação cheia do Espírito Santo, haverá louvor, oração e pregação poderosa. Além de tudo isso, pode haver também repreensão, confronto e excomunhão, tudo sob a direção do mesmo Espírito. O Espírito Santo dá direção sobre o que deve ser feito ou praticado e também sobre o que não deve ser feito ou praticado. Concluindo, a mesma santidade de Deus que nos chama a uma vida de justiça também proíbe o mal.

É claro que a igreja espiritual não quer reduzir a voz do Espírito a um documento de normas escritas. No entanto, essa igreja também

não tem problemas em registrar diretrizes por escrito quando o Espírito Santo assim a direciona. O que quero destacar é que o Espírito Santo também diz “não” para um assunto ou outro. Observe que todos os quatro mandamentos em Atos 15 se enquadram na categoria “abster-se de”. Portanto, podemos registrar certas restrições por escrito e obedecer a elas sob a direção do Espírito Santo — isso não é legalismo.

## **A posição dos anabatistas**

Antes de encerrar inteiramente o tema da não regulamentação, gostaria de observar o que os anabatistas creram e praticaram. Alguns afirmam que os anabatistas originalmente criam que a igreja não deveria ter regulamentos escritos. Essa é uma interpretação equivocada da história. Os anabatistas, sem dúvida, eram contra os acréscimos à Palavra que o sistema papal havia imposto à igreja. Eles rejeitaram os decretos papais que não tinham base na Palavra, como o batismo infantil, as orações aos santos, a água benta, as imagens, as velas, a missa, o rosário e muitos outros acréscimos à Palavra de Deus. Ao restabelecer uma igreja bíblica, eles insistiram em deixar de fora tudo o que não tivesse base na Palavra.

O argumento anabatista de que o Novo Testamento era suficiente para orientar a igreja deve ser entendido a partir desse ponto de vista. No entanto, eles não se opunham ao registro por escrito da igreja referente à sua posição quanto aos problemas enfrentados em seus dias. Já no ano de 1527, apenas dois anos após o início do movimento anabatista, seus líderes na Suíça reuniram-se em Schleitheim para redigir um documento com sua declaração de fé. A maior parte do movimento aceitou esse texto, o qual incluía, por exemplo, o acordo de abstenção de “todas as obras de católicos e protestantes, cultos, reuniões e presença na igreja, casas de bebidas, assuntos cívicos, juramentos feitos na incredulidade e outras coisas semelhantes...” (Artigo IV).

Robert Friedmann, que dedicou grande parte da vida ao estudo dos anabatistas, afirma que eles acreditavam “no conceito de que o corpo coletivo é o que determina os princípios que governam a vida e a prática dos membros”. Ele também disse que cada membro se submete “voluntariamente a essa orientação ao fazer seus votos por ocasião do batismo”.<sup>2</sup> Em seus comentários sobre a declara-

---

<sup>2</sup> Robert Friedmann, *The Theology of Anabaptism*. Scottdale, PA: Herald Press, 1973, p. 126.

ção de Schleithem, Robert Friedmann escreveu: “Em todas as primeiras declarações de fé dos anabatistas, vemos que, à parte do conteúdo doutrinário, elas são fundamentalmente regulamentos ou instruções para a igreja”.<sup>3</sup> Ele prossegue observando que os anabatistas não impuseram essas normas, como o clero católico fazia, nem as promoveram com regulamentos legais e estatais, segundo o costume protestante. “Em todos esses pontos [os sete artigos], procurou-se o consenso, porque eram regulamentos aceitos voluntariamente, e não uma lei imposta de cima para baixo. A disciplina, de acordo com Mateus 18, era uma responsabilidade primordial dos pastores, uma vez que eles tinham a incumbência de zelar pela pureza da igreja”.<sup>4</sup>

A fé dos anabatistas firmava-se em Cristo e em sua Palavra. Eles rejeitaram qualquer acréscimo que não fosse baseado nas Escrituras, mas claramente criam na autoridade do corpo de Cristo para fazer aplicações dos princípios bíblicos e apresentá-los por escrito.

---

<sup>3</sup> Ibidem, p. 128.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 128.

## **As normas escritas em perspectiva**

Depois de vermos os perigos existentes em ambos os lados da posição bíblica, observemos alguns princípios que nos ajudam a completar o quadro. Lembremo-nos de que uma verdade, por si só, não é suficiente para nos impedir de errar. Não devemos nos apegar apenas a uma verdade, mas ao contexto da Verdade, pois nele todas as verdades se complementam. Os princípios a seguir nos ajudam a termos uma visão geral e tornam mais fácil a tarefa de resumir o que foi apresentado até aqui.

**1.** O Senhor Jesus é a fonte de vida para a igreja. Quando ele é deixado de fora, as normas escritas não têm significado nem valor. Além disso, não podemos produzir espiritualidade por meio de um sistema administrativo, por mais correto que ele seja. Por outro lado, existe o erro oposto, o qual consiste em acreditar que espiritualidade é o mesmo que não ter sistema algum.

O importante é lembrar que Jesus é a vida da igreja. Quando qualquer coisa ou qualquer pessoa o substituir, nenhum esforço organizacional ou administrativo poderá preservar a igreja. Contudo, onde existe uma devoção verdadeira e completa a Jesus Cristo, os membros da

igreja abandonam seu ego e renunciam ao mundo. Além disso, cada membro reconhece a necessidade dos demais. Desse modo, o corpo como um todo torna-se uma entidade maior do que qualquer indivíduo sozinho. Esse corpo amplo, o qual na verdade é o corpo de Cristo, atua em conjunto para ver, fazer e falar.

2. Quando um grupo se tornar carnal, não haverá outra solução senão o reavivamento. Quando os líderes perceberem uma tendência carnal ou permissiva na congregação, não conseguirão corrigir o problema estabelecendo uma nova norma escrita. A ação ou atitude carnal, seja ela qual for, indica um problema do coração. Quando Jesus falou dos problemas das igrejas da Ásia (ver Apocalipse 2 e 3), ele não hesitou em chamar os apóstatas ao arrependimento. A maior necessidade daquelas pessoas era nada mais nada menos do que voltarem para Jesus.

3. Quando um grupo se tornar carnal, sua resistência à admoestação também será carnal. As pessoas carnis resistem a qualquer tipo de regulamentação. Da mesma forma, elas também podem resistir a Jesus e à sua Palavra. Observamos que a carnalidade não pode ser resolvida com mais regulamentação, mas também não é



resolvida removendo a regulamentação contra a carnalidade. Receio que, na maioria das vezes, o movimento contra as normas observado hoje seja nada mais do que um impulso carnal em direção ao mundanismo. O problema do coração carnal não são as normas ou a falta delas, mas o fato do esfriamento de seu relacionamento com Jesus.

4. Quanto à questão das normas escritas, a administração da igreja corre perigo de ambos os lados. Por um lado, existe o perigo de que a regulamentação excessiva se torne um fardo sobre o discípulo e restrinja a obra do Espírito Santo. Por outro, se o corpo não resolver os problemas em conjunto, também restringirá a obra do Espírito Santo. A saúde espiritual surge quando o Espírito de Deus tem a liberdade de trabalhar tanto por meio do indivíduo como por meio do corpo.

5. Levando em consideração os perigos e as pressões que ameaçam a igreja e os líderes hoje, não podemos negligenciar a responsabilidade de agir como um corpo e de tomar decisões em conjunto. Sim, o excesso de regulamentação é um perigo, mas não é desculpa para fazer com que o corpo de discípulos se omita sobre o assunto.

As aplicações aceitas em acordo pelo corpo de discípulos não são acréscimos à Palavra

de Deus, mas aplicações que honram as Escrituras. Os “*mandamentos de homens*” dos quais Jesus e Paulo falaram (Mateus 15:9; Tito 1:14) eram abusos que desviavam as pessoas da verdade, e não instruções que as guiavam em direção à verdade.

6. Quando a igreja local toma posições em conjunto sobre questões culturais importantes (semelhante à proibição da igreja primitiva quanto à carne oferecida aos ídolos), sua prática uniforme torna-se um testemunho claro para a sociedade ímpia. Há beleza e poder na vida santa. Quando o Espírito Santo mover a congregação a tomar uma posição uníssona a respeito dos desafios que enfrenta, o mundo verá e ouvirá um poderoso testemunho de unidade. Mesmo que a congregação não se posicione como um todo, provavelmente haverá semelhança e unidade entre os membros, ainda que não haja uma uniformidade estrita. Se o mesmo Espírito Santo estiver trabalhando efetivamente em um grupo de cristãos que enfrentam situações semelhantes, será que ele não dará a mesma orientação a cada indivíduo?

Aos coríntios, o apóstolo Paulo mostrou o perigo de não se adotar uma posição uníssona com respeito à carne oferecida aos ídolos. Em primeiro lugar, ele lhes mostrou que, segundo



a lógica, carne é tão somente carne. Para aqueles cujo coração está bem fundamentado em Deus, essa carne poderia ser consumida como qualquer outra carne: apenas como alimento, e não como algo para honrar ídolos. Contudo, o apóstolo também os faz ver o perigo de o mundo relacionar as ações deles com a idolatria, surgindo, então, mal-entendidos.

Digo que as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios, e não a Deus. E não quero que sejais participantes com os demônios (1 Coríntios 10:20).

Cada cultura tem uma “carne” desse tipo, ou seja: “carne” que o cristão poderia comer se não tivesse sido oferecida na mesa dos demônios. Uma posição concordante contra esse tipo de “carne” é um testemunho da beleza da santidade.

7. Quando os membros concentrarem sua atenção no amor e na edificação mútua, estarão dispostos a sacrificar alguma liberdade pessoal pelo bem da irmandade. Uma posição coletiva contra certa “carne” mundana é boa, não só pelo testemunho ao mundo, mas pelo que faz dentro da própria comunidade. Embora, aparentemente, o apóstolo Paulo tenha comido tal carne e a considerado nada mais do que alimento,

ele se importava com a consciência dos outros. Por causa deles, estava disposto a abrir mão da própria liberdade e encorajava os coríntios a fazer o mesmo:

Vede que essa liberdade não seja de alguma maneira escândalo para os fracos. (...) E pela tua ciência perecerá o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu. (...) Por isso, se a comida escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão não se escandalize (8:9, 11, 13).

**8.** Quando uma irmandade se concentrar na edificação e no amor, ela manterá um equilíbrio entre as posições coletivas e o respeito pela diversidade de convicções pessoais. Notamos algumas bênçãos advindas da uniformidade, mas devemos reconhecer que ela deve ser tratada com sabedoria. Pressupor que mais uniformidade é sempre melhor poderá ofender a consciência de alguém.

Um crê que de tudo se pode comer, e outro, que é fraco, come legumes. O que come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come; porque Deus o recebeu por seu (Romanos 14:2–3).

Sem dúvida, a referência aqui não é

sobre comer carne oferecida aos ídolos, mas sobre regulamentos da Lei, e Paulo estava reconhecendo que há espaço para a diversidade devido à consciência do indivíduo.

Portanto, podemos supor que na fraternidade saudável pode haver alguma diversidade. Contudo, é importante que compreendamos qual é a diversidade que as Escrituras reconhecem. Ela não é resultante dos membros deixarem de lado a verdade nem se origina da desobediência à verdade. Tampouco é aceitável a diversidade que não leva em conta as posições coletivas que a irmandade tomou. A diversidade aceitável é aquela que resulta das pessoas abraçarem a mesma verdade, lembrando que há variedade na forma como essa verdade é expressa.

9. Não devemos tolerar discrepâncias entre o que dizemos acreditar e o que de fato praticamos. As decisões tomadas em Jerusalém foram divulgadas para que os irmãos as cumprissem. De igual modo, também devemos honrar acordos que, em nossos dias, são firmados na irmandade. Devemos estar dispostos a viver de acordo com esses acordos. Caso contrário, estaremos nos enganando, dizendo acreditar em algo que de fato não praticamos. Por outro lado, é verdade que o

discipulado é um processo que não é concluído da noite para o dia. Nenhum membro atinge a maturidade de uma hora para outra. Além disso, a vida de alguns membros jovens ou imaturos, por vezes, deixa muito a desejar. No entanto, onde existem diferenças claras entre o que a igreja professa e o modo como os membros vivem, os líderes e toda a igreja devem se unir e se esforçar para resolver as inconsistências.

Por outro lado, devemos manter nossos acordos atualizados. Como observamos anteriormente nesta obra, hoje não enfrentamos questionamentos sobre a carne oferecida aos ídolos. Atualizar as posições da igreja com base nas mudanças que ela enfrenta requer uma liderança sábia, mas tal atualização é necessária a fim de manter a congregação saudável.

**10.** Quando a igreja perder de vista sua missão aqui na terra – resgatar almas para Cristo e discipulá-las para ele – surgirão conflitos sobre normas, bem como todo tipo de choques entre os membros.

Acredito que grande parte da controvérsia sobre normas observada hoje está diretamente relacionada à perda de uma visão evangelística. As pessoas que se dedicam à tarefa de resgatar os



perdidos têm uma base comum que as ajuda a ver os assuntos de uma perspectiva celestial. Elas consideram bem o que fazem e o que vestem, levando em conta o efeito que suas escolhas terão no seu testemunho tanto dentro da irmandade como fora dela. Elas contrastam as coisas desta vida com as realidades da vida futura; sempre levam em consideração a eternidade quando tomam decisões sobre temas como penteado e entretenimento mundano, por exemplo. São pessoas que caminham com Deus rumo à eternidade! Os perdidos ao seu redor caminham em direção ao fogo eterno!

Algumas pessoas, por outro lado, usam esse mesmo argumento para minimizar a importância das influências mundanas. “Por que fazer tanto barulho por causa de um simples penteado quando há tanta gente caminhando para o inferno?”, elas perguntam. Esse tipo de argumento pode parecer muito espiritual; porém, no fundo, pode ser apenas um argumento carnal e egoísta. Qualquer pessoa que ama seu penteado (ou qualquer outra coisa) mais do que ama seus irmãos e irmãs vive sob prioridades distorcidas.

Em tempos de maldade e de apostasia, o Senhor continua a chamar seu povo a uma vida de santidade, bem como a enviar os seus à missão

de resgatar os perdidos. Hoje um testemunho claro contra a carne idólatra é muito necessário; um testemunho da verdadeira unidade entre os filhos de Deus. Hoje, mais do que nunca, as pessoas precisam ouvir o evangelho de Jesus pregado e vivido com zelo e clareza celestiais.

Em uma vida de união com Jesus Cristo, o corpo de discípulos pode experimentar a orientação celestial por meio do Espírito Santo. Podemos experimentar sua sabedoria e seu poder para cumprir os propósitos de Cristo para a sua igreja. Se não temos a plenitude do poder do Espírito e da sua direção, se os sinais de uma regulamentação excessiva são evidentes em nós ou se fomos levados “à deriva” na falsa liberdade de uma vida sem regulamentação, precisamos abrir o coração com toda sinceridade a Cristo. Não basta procurar soluções fáceis: devemos voltar o coração em fidelidade simples a Jesus e à sua Palavra. Devemos dar a Cristo o lugar que lhe pertence em nosso coração e nas igrejas. Devemos permitir-lhe, ou melhor, implorar-lhe, que elimine de nós o que não está de acordo com a sua vontade.



## OUTROS LIVRETOS DISPONÍVEIS:

*Milagres, sinais e prodígios*

*Normas para uma vida santa*

*O cristão, a educação e a profissão*

*Breve declaração das doutrinas bíblicas*

*O batismo e a plenitude do Espírito Santo*

*Michael Sattler: uma testemunha de Jesus Cristo*

*O cristão e sua maneira de se vestir*

*Quando falece um ente querido*

*O cristão e a tecnologia*

*Como vencer a luxúria*



*Para mais leituras sobre temas bíblicos e práticos,  
visite nosso site:*

**[www.editoramontesiao.com.br](http://www.editoramontesiao.com.br)**

## A IGREJA PRECISA DE NORMAS ESCRITAS?

Será que há base bíblica para a igreja ter normas escritas? Ou será que elas são um acréscimo à Palavra de Deus e impedem a vida espiritual?

Em primeiro lugar, é preciso considerar algumas verdades fundamentais sobre a vida espiritual do cristão e da igreja. Ao tratar o lado prático deste assunto, não podemos focar apenas em uma parte da verdade. Por isso, o autor dessa obra procura apresentar, de forma clara e equilibrada, os perigos de ambos os lados: o da regulamentação excessiva e o de negar que a igreja possa fazer aplicação prática das verdades bíblicas no contexto atual em que se encontra.



Literatura Monte Sião  
Caixa Postal 241  
18550-970 Boituva-SP



[www.editoramontesiao.com.br](http://www.editoramontesiao.com.br)